

**ÁTILA:
DE CHFE DE UM POVO NÔMADE
À REPRESENTAÇÃO MÍTICA
DO HERÓI NACIONAL GERMÂNICO**

Wanderson Fernandes Fonseca (UEMS/UCG)

wandersonviol@hotmail.com

Ana Aparecida Arguelho de Souza (UEMS/UCG)

anaarguelho@yahoo.com.br

Se tivéssemos uma verdadeira vida não teríamos necessidade de arte. A arte começa precisamente onde cessa a vida real, onde não há mais nada à nossa frente. Será que a arte não é mais do que uma confissão da nossa impotência? (Richard Wagner)

1. Introdução

Este trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa *Mito, história e literatura em Wagner: O Anel do Nibelungo* desenvolvida na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Ana Aparecida Arguelho de Souza. É uma pesquisa financiada pelo CNPq, dentro de Programa de Iniciação Científica e incide sobre aspectos míticos e históricos presentes nos libretos do ciclo de óperas de Wagner *O Anel do Nibelungo*. Pretende-se com este trabalho elucidar o processo que transforma em mito um determinado evento e figura da história, neste caso específico, Átila, o rei dos hunos, e como essas transformações atendem a uma demanda histórica.

O Anel do Nibelungo consiste em quatro óperas adaptadas de personagens mitológicos e do poema épico *A Canção dos Nibelungos*, escrito na Idade Média, por volta de 1200, que reúne a saga Thidreks e a saga Völsunga, além de outras sagas. Wagner escreveu o libreto e a música por cerca de vinte e seis anos, de 1848 a 1874.

O compositor retoma e ressignifica todo um conteúdo mítico enraizado nas origens do povo germânico, dentro do movimento romântico-nacionalista que firma no século XIX o estabelecimento da burguesia na história. Esse movimento busca, por meio do resgate da cultura e da mitologia de cada povo, formar e consolidar o sentimento de nacionalidade das nações europeias construídas por essa classe. É dentro desse espírito

e sentimento de nacionalidade que Wagner vai escrever sua ópera.

Este artigo trata, então, de como na ópera *O Anel do Nibelungo*, de Wagner, encontram-se ecos dessa figura expressiva, que é Átila, rei dos hunos, talvez a mais feroz e sanguinária tribo que combateu o Império Romano em um dos momentos mais dramáticos de sua dissolução.

Será aqui apresentada uma leitura histórica da mitificação desse chefe huno. Quase 1000 anos após sua morte (século IV), sua figura aparece transformada em herói, em sagas e épicos escandinavos e germânicos, como *A Canção dos Nibelungos* (século XIII). Em meados do século XIX é ressignificada por Wagner para atender à demanda por um herói nacional.

Como metodologia para o presente trabalho, toma-se a história e suas transformações como veículo motor para as criações artísticas. Dado que a metodologia presente é a consideração da história, dois autores marxistas dão o direcionamento deste trabalho: Eric J. Hobsbawm, que formula as bases do movimento nacionalista, na Europa no século XIX; e J. Guinsburg que traz, à luz dos movimentos históricos, informações preciosas sobre o movimento romântico que, segundo ele, poderia ser “uma escola, uma tendência, uma forma, um fenômeno histórico ou um estado de espírito” (GUINSBURG, 1978, p. 13), tudo isso separadamente, ou acoplado.

O romantismo pode apresentar-se como qualquer das outras escolas que estudam formas, peculiaridades, estruturas e qualidades de uma obra de arte. Mas não seria apenas isso. Guinsburg afirma que o romantismo seria um fato histórico e estaria inserido no “processo real da história europeia e ocidental” (*Id. Ibid.*, p. 14).

2. *Átila, o homem na história*

Átila é uma das personalidades que mais causariam ao mesmo tempo “admiração e repúdio, fascinação e execração, amor e ódio, no imaginário das pessoas” (SANTOS, 2011, p. 82) sendo visto como herói em alguns países e em outros como um bárbaro aterrador. Fazendo-se presente em mitos e lendas europeus germânicos e escandinavos, como a *Canção dos Nibelungos*, a *Edda Poética* e a *Saga Volsunga*, Átila marca sua presença na história e na literatura da Europa.

Seu nascimento está intrinsecamente ligado à história do povo hu-

no. Assumiu a liderança dos hunos, junto com seu irmão, após a morte de seu pai e de seus tios. Com a morte do irmão, dez anos depois, passa a reinar sozinho. Especula-se que o próprio Átila teria causado a morte de seu irmão. Sobre seu nascimento, Santos afirma:

(...) Átila teria nascido por volta de 405, provavelmente na atual Hungria, o centro do poderio huno. Filho de Mundzuk e sobrinho de Rugilas, Átila sucedeu seu tio por volta de 434 no comando do imenso império huno junto de seu irmão Bleda. (*Id. Ibid.*, p. 00)

Os hunos foram um povo da estepe euro-asiática que teria se originado dos xiongnus e incomodado poderes sedentários por toda Europa e Ásia, ao longo da história.

Os xiongnus eram um povo de origem turco-mongol que estabeleceu, no século III a.C., um império que se estendia do sul da Sibéria à Manchúria. Como expansionista, este povo chega à China, com quem estabelece diversas relações militares, comerciais e diplomáticas. Para barrar o avanço de tais invasores, os chineses teriam iniciado a construção de um sistema de fortificações ao norte, a Grande Muralha. Quando passaram a contra-atacar, os chineses impuseram sua vassalagem aos xiongnus.

Sobre como os xiongnus teriam se tornado hunos, Santos aborda a teoria que Guignes, historiador do século XVIII, elucida em sua obra *Histoire Générale des Huns, des Turcs et des Mongols (História Geral dos Hunos, dos Turcos e dos Mongóis)*, publicada entre 1756 e 1758. Segundo a teoria:

(...) após as derrotas diante dos chineses, agrupamentos xiongnus remanescentes migraram para o oeste, nos atuais Cazaquistão e Uzbequistão, e lá se estabelecido e bem possivelmente se misturando com as populações locais tais como os sogdianos e os alanos, o que teria dado origem a um novo povo, os hunos. (*Id. Ibid.*, p. 83)

Santos relata, ainda, um estudo de John Man que elucida o processo pelo qual passou o povo huno de “esquecimento de suas raízes”. O estudo relatado especula que a redução da condição de um grande império à de “bandos empobrecidos” envergonharia os hunos, e estes se recusariam a mencionar aos filhos a grandeza anterior. A regra de “não mencionar a China” pelo espaço de uma geração já seria suficiente para apagar o registro anterior da história de um povo.

Depois de estabelecidos na Ásia Central, os hunos dividiram-se em duas hordas, uma permaneceu onde estava e outra tomou o caminho do oeste, o mesmo caminho que os mongóis fariam oito séculos mais tar-

de, e entraram na história da Europa por volta de 372 e 373, imolando, dominando e submetendo todos os povos que encontravam pela frente. Como nômades, Oliveira afirma que os hunos “eram hábeis guerreiros, cavaleiros exímios, e manejavam com extraordinária destreza o arco em seus combates” (OLIVEIRA, 1988, p. 57).

O contato dos hunos com os povos germânicos da Europa se dá por volta de 375 e 376. Os hunos submetem-nos e os fazem procurar asilo no interior das fronteiras do Império Romano.

Sobre estes movimentos Santos afirma que:

Historicamente, a importância destes eventos reside no fato de, além de fato de terem incentivado o *Völkerwanderung* (grande migração de povos, em alemão), empurrando para dentro das fronteiras romanas várias populações germânicas (...), colocaram fim a séculos de predominância de povos indo-europeus nas estepes do sul da antiga União Soviética. Em seu lugar entraram em cena povos turco-mongólico e fino-úgricos. (SANTOS, 2011, p. 84)

As invasões dos hunos na Europa deram início a uma “nova fase na história das relações entre Roma e os germanos” (OLIVEIRA, 1988, p. 13). Os povos germanos incluíam os ostrogodos, visigodos, alamanos e burgúndios, entre outros.

Em 375 surgiram os hunos na Europa. Após haverem destruído o primeiro reino dos ostrogodos, situado no litoral norte do mar Negro, em área da atual Ucrânia, marcharam na direção do oeste, afugentando outros povos germanos. Os visigodos, vizinhos dos ostrogodos, acabaram, em fuga desordenada, por atravessar, ainda que com o consentimento do Império Romano, as fronteiras do Danúbio. (*Id. Ibid.*)

O fato de uma parte dos germanos terem se estabelecido nas terras de Roma constituiu-se um problema para os romanos, não mais pelo fato de serem invasores, mas por passarem a enfrentar as legiões do Império, como minoria étnica, vivendo em seu território, a fim de reivindicar melhores tratamentos por parte dos romanos.

Durante este tempo os hunos promoveram diversas incursões contra seus vizinhos, forneceram mercenários para lutarem ao lado de Roma e receberam do Império Romano a província de *Pannonia Prima* (planície húngara). No interior do Império Romano, Átila se torna, então, o soberano huno juntamente com seu irmão Bleda.

O sistema político huno tratava-se de uma grande confederação de tribos e povos, caracterizando um regime descentralizado, regido por mais de um soberano. Após o falecimento de seu irmão, no entanto, Átila se torna soberano único dos hunos e de outros povos a eles subjugados.

Tais povos forneciam efetivos para campanhas militares hunas ou pagavam-lhes tributos em ouro.

Com o poder concentrado em suas mãos, Átila se volta contra o Império Romano, enviando exércitos a diversas províncias e arrasando regiões no caminho. O Império Romano do Oriente encontra sua paz com os hunos em 448, com aumento do tributo a ser pago. Em 451, organizando uma invasão ao Império do Ocidente, Átila é vencido, mas se reorganiza e volta um ano mais tarde chegando até os portões de Roma, ocasião em que, por razões até hoje misteriosas, põe fim à campanha italiana e volta pra casa. Logo após voltar, “Átila morre em sua noite de núpcias com a princesa germânica Íldico, sua última esposa” (SANTOS, 2013, p. 86). Átila morre com pouco menos de 50 anos, em 453.

Sánchez aponta, em *História da Idade Média: textos e testemunhas*, um documento de Jordanes no qual descreve o perfil de Átila:

Homem vindo ao mundo em um entrechoque de raças, terror de todos os países, não sei como ele semeava tanto pavor, a não ser pela ligação que se fazia de sua pessoa com um sentimento de terror. Tinha um porte altivo e um olhar singularmente móvel, se bem que cada um de seus movimentos traduzisse o orgulho de seu poder. Amante da guerra, era senhor de sua força, muito capaz de reflexão, acessível às petições, fiel à palavra dada; sua pequena estatura, seu peito largo, sua cabeça grande, seus olhos minúsculos, sua barba rala, sua cabeleira eriçada, seu nariz muito curto, sua tez escura eram sinais de suas origens. (...) (JORDANES, *apud* SÁNCHEZ, 2000, p. 29)

A morte de Átila foi também o fim do Império Huno. Os povos que então viviam sob o jugo dos hunos voltaram-se contra eles, juntamente com antigos aliados, e o império se dividiu sob a sucessão de seus filhos. Nunca mais os hunos voltariam a ter o mesmo poderio na Europa.

A figura de Átila foi apresentada pela história incluindo a lenda de que “por onde seu cavalo passava nada mais nascia e sendo visto taxado como o flagelo de Deus” (*Id. ibid.*, p. 00).

Os hunos, por formarem uma sociedade ágrafa, não puderam eles mesmos deixar algum registro de sua história, sendo esta, escrita por herdeiros da cultura greco-romana. Como bárbaros, os hunos eram odiados no Império.

Um documento medieval importante, acenado por Sánchez, revela como eram descritos os hunos:

(...) O povo dos hunos (...) excede todos os modos de ferocidade (...)

Todos eles têm membros compactos e firmes, pescoços grossos, e são tão

prodigiosamente disformes e feios que os poderíamos tomar por animais bípedes ou pelos toros desbastados em figuras que se usam nos lados das pontes.

(...)

Ninguém entre eles lavra a terra ou toca um arado. Todos vivem sem um lugar fixo, sem lar nem lei ou uma forma de vida estabilizada (...) (MARCE-LINO, *apud* SÁNCHEZ, 2000, p. 30-31)

Ainda sobre os bárbaros, aponta Oliveira:

Bárbaros eram, para os romanos, os povos que não possuíam características culturais idênticas às dos habitantes do Império. Germanos e eslavos, nas terras continentais da Europa, celtas, na Gália e nas Ilhas Britânicas, berberes, ao norte da África, beduínos, nos limites setentrionais do deserto da Arábia, e afinal, todos os que habitavam além das fronteiras de Roma, eram assim designados. (OLIVEIRA, 1988, p. 14)

Assim o rastro dos hunos foi deixado na história como um povo que excedia em ferocidade e barbárie a tudo que se podia imaginar. Sobre seu fim também Oliveira esclarece:

Pouco deixaram eles de concreto nas terras onde viveram. Nenhum vestígio ficou da língua que falavam. Nenhum sinal do que foram pode ser hoje identificado, de modo irrefutável. (...) Deles ficou, no entanto, a triste fama de cruéis e impiedosos. Átila passou a ser mencionado pelos historiadores do seu tempo e pelos que os seguiram, como o protótipo da violência, o símbolo do guerreiro sanguinário. Cognominado “o flagelo de Deus”, nunca seria esquecido; e estórias fantásticas foram inventadas e repetidas a seu respeito (...). (*Id. Ibid.*, p. 59-60)

3. O processo de mitificação de Átila

No século XIII surgem os mongóis deixando, pela Europa Medieval, praticamente o mesmo legado de horror que os hunos deixaram. Foram também descritos com o discurso com que praticamente toda sociedade civilizada se valeu para descrever aqueles que viviam além de suas fronteiras, o da civilização contra a barbárie.

A situação com que o chefe mongol Batu Khan foi visto no século XIII assemelha-se à de Átila no século IV. Explica-se o aparecimento de Átila na literatura de então, embora sua passagem pela Europa tenha ocorrido nove séculos antes, pela semelhança do terror que causa nos povos sedentários europeus a passagem dos mongóis de Genghis Khan e de seus descendentes.

Não é por acaso, então, que a figura de Átila aparece sob forma de mito na *Canção dos nibelungos* quando os mongóis, liderados por Batu

Khan (neto de Genghis Khan), surgem das estepes asiáticas.

Sobre a mitificação de Átila, Santos descreve:

É nesse contexto que [...] a figura de Átila aparece nas sagas e épicos escandinavos e germânicos, como a *Canção dos Nibelungos*, escrito por volta das primeiras décadas do século XIII, caracterizada por seus motivos heroicos germânicos pré-cristãos e a mistura de antigas tradições e eventos e personagens históricos que viveram nos séculos V e VI. Algo um tanto inusitado por sinal, levando em consideração o fato de que o Império Huno nem era germânico e sua passagem efêmera pelos territórios germânicos.

E algo ainda mais interessante a se observar sobre o *Das Nibelungenlied*, assim como as *Eddas* da Islândia, é a época em que foi escrito, no século XIII, já passados quase 1000 anos da morte de Átila, além de ser contemporâneo a outro furacão vindo das estepes que assolou as civilizações sedentárias da Europa e Ásia, os mongóis de Genghis Khan e seus descendentes. (SANTOS, 2012 p. 88-89)

A *Canção do Nibelungos*, embora tenha sido escrita por volta do século XIII, parece ter sido perdida e reencontrada apenas no século XVIII. Somando mais de trinta manuscritos, dividida em trinta e nove aventuras e contendo cerca de 2400 estrofes, relata aventuras heroicas e apaixonadas, tendo como pano de fundo as migrações germânicas do período. Nessa canção os nibelungos eram o mesmo povo burgúndio, representados na narração junto com outros dois povos, o chamado povo “dos países baixos”, de onde teriam vindo o herói Siegfried e os Hunos.

Nesse poema Átila aparece sob o nome de Etzel e, encontrando-se viúvo, casa-se com Kriemhild, também viúva. Para desposá-la, Etzel envia uma comitiva com a proposta de casamento à viúva de Siegfried, que vive no reino da Burgúndia. Kriemhild é irmã do rei burgúndio Gunther, e seu marido, Siegfried, morreu em uma emboscada preparada por Hagen, conselheiro do rei Gunther. Casando-se com Etzel, Kriemhild planeja uma vingança contra os burgúndios e contra Hagen, que matara seu primeiro esposo. Essa vingança gera uma guerra que praticamente aniquila os dois exércitos, o burgúndio e o huno.

Historicamente os hunos participaram de uma guerra que promoveu uma chacina entre os burgúndios por volta de 435, quando estes tentavam expandir-se para o norte. Convencionou-se, então, creditar a Átila a aniquilação deste reino, embora ele nem estivesse presente na ocasião. O episódio foi transformado em folclore posteriormente.

No poema épico, por plano de Kriemhild, Etzel convida o rei burgúndio a visitar as terras hunas. Atendendo a um conselho de Hagen,

Gunther leva um grande exército consigo. Por planos de Kriemhild não demora a que os exércitos de Átila e os de Hagen comecem a se enfrentar em diversas batalhas.

Uma das últimas batalhas se dá em um salão onde, depois de o exército huno perder várias batalhas e os dois lados terem perdido muitos heróis, sem, contudo, Kriemhild conseguir sua vingança matando Hagen, esta ordena que se ateie fogo. A história termina com as mortes de Gunther, Hagen e de Kriemhild, e com Etzel entristecido pela carnificina que presenciou.

É possível notar algumas contradições entre o Átila real e o da *Canção dos Nibelungos*, sendo uma delas a monogamia de Etzel, contraposta à poligamia praticada entre os hunos do século III, embora seja apresentado como pagão, nota-se aí um Átila um tanto quanto cristianizado. O Átila da canção também aparece como um rei sábio e gentil, encarnando algumas das mais altas virtudes da realeza europeia, contrapondo-se ao Átila “cruel, sanguinário e monstruoso que foi perpetuado no imaginário cristão da Europa medieval pós-romana” (Id. Ibid. p. 92). Sua participação em *Das Nibelungenlied* também é bem apagada e passiva, casando-se com Kriemhild não faz mais do que ser uma peça no jogo de vingança de sua esposa.

Para Garbuio e Fiorini, também os conflitos de poder no mundo feudal estariam representados na *Canção dos Nibelungos*.

O que temos de concreto é uma representação do conflito que estaria em curso dentro do poder feudal. O rei Gunther, irmão de Kriemhild, representa o poder adquirido por sua posição de chefe de estado, enquanto Siegfried encarna o clássico nobre, dotado de grandes qualidades de onde conquista sua autoridade. A relação de vassalagem entre os dois, pode ser considerada o ponto principal do desenrolar da história. (GARBUIO & FIORINI, 2012, p. 1)

O conflito cristão/pagão, vivido nos processos de migração e unificação dos povos germânicos também se faz notar, ao lado da mistura de raças (povos), causada pelos *Völkerwanderung*, ao longo da narração.

4. A apropriação de Átila em *O Anel do Nibelungo*

Se a Idade Média fez uma releitura da personalidade de Átila, a fim de representar através de uma metáfora o próprio momento em que vivia, esse sofre novas transformações no Romantismo de Wagner, onde a demanda é criar uma identidade nacional germânica, resgatando, seis

séculos mais tarde, o poema épico criado.

Wagner ressignifica o mito de Átila, distribuindo suas características, consolidadas no imaginário popular ao longo da história, entre a figura do rei Gunther e a de Siegfried. Este último, na saga wagneriana, representa o espírito do povo alemão.

Na obra de Wagner, que manipula livremente a história, as narrativas adaptadas do épico medieval ganham caráter mais universal.

Apesar de várias fontes serem identificadas, a tetralogia de Wagner pode ser considerada praticamente uma releitura da *Canção dos Nibelungos*, com algumas trocas nos personagens, e algumas alterações ou inversões na ordem cronológica do enredo.

Siegfried é o herói destemido nas duas narrativas, mas, embora os nomes de seus pais e de sua esposa permaneçam os mesmos, a origem destes é totalmente diversa, atendendo aos propósitos da adaptação, de tornar a história mais fantasiosa e ao mesmo tempo grandiosa e universal. A morte deste é encaminhada praticamente da mesma forma nas duas narrativas, através de traição, e tendo como causa a luta pela posse do anel e do tesouro, que representam, respectivamente, poder e riqueza.

A cena final da *Canção dos Nibelungos*, quando os burgúndios perecem emboscados dentro de um salão incendiado, é intensamente aproveitada por Wagner. Na adaptação, é o salão dos deuses (representando os palácios da aristocracia) que acaba em chamas.

A conquista do amor de Brunhilde, em Wagner, e de Kriemhild, na *Canção*, através da coragem de Siegfried, e da enganação de Gunther, também é recorrente.

O final de ambas as histórias relatam grandes perdas, o ouro acaba novamente esquecido no fundo do Reno, e praticamente não há vencedores. A ganância e a ambição leva praticamente todo o elenco à morte.

5. *Considerações finais*

O romantismo-nacionalista, no interior do qual Wagner viveu e compôs sua obra, parte de um movimento histórico que, antecedido pelo século das luzes, abandona a visão teocêntrica e teológica judaico-cristã que se mantivera desde a instauração do cristianismo, quando então os acontecimentos históricos saíram do arbítrio do domínio divino e foram

submetidos à crítica da razão.

A partir deste movimento, que representou uma ruptura com a sociedade feudal anterior, a história passa a depender apenas da atuação do homem, que, por sua vez, não seria mais sujeito às vontades divinas. A noção do progresso também começa a se instalar neste processo. A metáfora de Siegfried quebrando a lança de Wotan em *O Crepúsculo dos Deuses* representa, neste contexto, a queda dos antigos poderes, sendo Siegfried a representação do homem livre e revolucionário, e Wotan a encarnação da antiga aristocracia.

Surge aqui o arquétipo do “herói romântico”, que seria “encarnação de uma vontade antes social do que pessoal” (GUINSBURG, 1978, p. 15) e cujo espírito alimentaria a possibilidade de uma existência conjunta.

O mundo é dividido em nações e culturas diferentes, adquirindo assim o caráter nacionalista e formando uma identidade mais de grupo que de indivíduo. A “Jovem Europa” encontra-se, neste processo, buscando no passado as raízes de sua nacionalidade, na construção de sua identidade. Para desenvolver essa consciência historicista o Romantismo se apropria de deuses e heróis e dá-lhes sentido e finalidade.

Neste panorama, o ciclo de óperas *O Anel do Nibelungo*, a maior obra de Wagner, teria buscado nas lendas germânicas medievais, contadas em forma de poemas, suas personagens e seu drama. A composição de uma obra que resgatasse o poema *A Canção do Nibelungo*, considerado pelos românticos como o “épico nacional germânico”, já era proposta há algum tempo entre os intelectuais artísticos. O resgate de grandes personagens desta mitologia manifesta o desejo de uma de uma Alemanha mítica, “predestinada à glória”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, A.; POÇO, R. *A revolução encontra a ópera. Núcleo de estudos contemporâneos*, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/materia/grandes-processos/richard-wagner-revolu%C3%A7%C3%A3o-encontra-%C3%B3pera>>. Acesso em: 25-03-2013.

GARBUIO, R. L.; FIORINI, C. F. *O anel do Nibelungo: uma comparação entre o libreto de Wagner e a Canção do Nibelungo*. Disponível em:

<<http://convergencias.esart.ipcb.pt/artigo/79>>. Acesso em: 21-03-2013.

GUINSBURG, J. (Org.). *O romantismo*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções 1789-1848*. Trad.: Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. *Os primeiros tempos medievais: os reinos germanos*. Salvador: Centro Editorial Didático da UFBA, 1988.

SÁNCHEZ, Maria Guadalupe Pedrero. *História da Idade Média: textos e testemunhas*. São Paulo: UNESP, 2000.

SANTOS, Eduardo Consolo dos. *A presença de Átila na canção dos nibelungos: uma análise da maneira como o grande chefe huno foi retratado no épico germânico*. Disponível em:

<<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/699/619>>. Acesso em: 12-03-2013.